

PROMETEUUS - FILOSOFIA

MESTRADO EM FILOSOFIA/ UFS - CATEDRA UNESCO/ ARCHA

JANEIRO - JUNHO DE 2015 - VOLUME 8 - ANO 8 - Nº 17

ISSN: 2176 - 5960

O PENSAMENTO E O PENSADOR – APONTAMENTOS A PARTIR DA VISÃO DE GILLES DELEUZE

Antonio Baptista Gonçalves
Membro da Associação Brasileira dos Constitucionalistas
Doutor e Mestre em Filosofia do Direito pela PUC/SP

RESUMO: O que é o pensamento? Qual a sua origem? Qual a relação com o pensador? Será que possuímos elementos suficientes para responder essas indagações? É com base em um processo composto por indagações que iremos analisar a relação do pensamento com o pensador e para tanto traremos e nos basearemos na visão de Gilles Deleuze.

PALAVRAS-CHAVE: Pensamento. Plano de imanência. Gilles Deleuze.

SUMMARY: What is thought? What is its origin ? What is the relationship with the thinker ? Do we have enough information to answer these questions ? It is based on a process composed of questions that we will examine the thought of the relationship with the thinker and will bring both and will base on Gilles Deleuze's vision.

KEYWORDS: Thinking. Plan of immanence. Gilles Deleuze .

1. Introdução

O artigo em tela tem por objetivo analisar o pensamento. De início iremos apresentar o que vem a ser o pensamento, uma singela conceituação e, posteriormente sua relação com o movimento.

Transcorrido esse momento preliminar iremos nos ater ao cerne de nossa preocupação: a relação do pensamento com o pensador. Inicialmente pode parecer uma relação indissociável, porém, como veremos, a relação entre pensamento e pensador pode ser independente, com o pensamento existindo por si só, o que ocasionará uma estranheza, reação comum naquilo que não se encaixa no conhecimento cotidiano.

E nossa tarefa ao longo desse artigo será trazer indagações, sem necessariamente oferecer respostas de forma direta. A nossa construção será através de provocações. Então, ao longo do texto traremos perguntas que irão envolver o pensamento e o pensador.

Apenas a guisa de ilustração: é possível o pensamento existir independentemente do pensador? É possível que o pensador seja um mero intermediário do próprio pensamento, isto é, o pensamento apenas e tão somente usa o pensador para exteriorizar sua existência? Essas e outras indagações serão acompanhadas de apontamentos a partir dos ensinamentos de Gilles Deleuze.

Gilles Deleuze, filósofo francês, nasceu em Paris em 18 de janeiro de 1925 e morreu em 1995. Seu trabalho inclui toda uma interpretação de filósofos como Hume, Nietzsche, Bergson, Spinoza, Foucault, e de artistas como Proust, Kafka, Francis Bacon e Carmelo Bene. Deleuze publicou estudos sobre pensadores como Nietzsche, Kant e Spinoza. Entre suas obras principais estão *Nietzsche et la philosophie* (1962); *Proust et les signes* (1964); *Logique du sens* (1969); *Spinoza* (1970); *Foucault* (1986); e *Critique et clinique* (1993). Escreveu também dois livros sobre Cinema: *A Imagem Movimento e a Imagem Tempo*. Gilles Deleuze e Félix Guattari escreveram juntos, *O Anti-Édipo* (1972), *Kafka, Por uma literatura menor* (1975), *Mil Platôs* (1980) e *O que é a filosofia?* (1991). Com Claire Parnet escreveu o livro *Diálogos* (1977)¹.

¹Fonte: <http://www.biografiasyvidas.com/biografia/d/deleuze.htm>; <http://www.philosophica.info/voces/deleuze/Deleuze.html>; <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/6o-encontro-2008-1/Imagens%20de%20Pensamento%20em%20Gilles%20Deleuze.pdf>. Acesso em 28 de maio de 2014.

Sobre o tempo, Deleuze tem importantes trabalhos relacionados à literatura e ao cinema². Aqui nos ateremos aos apontamentos do filósofo em relação ao pensamento e, evidentemente, outras questões como a imagem do pensamento, o movimento do pensamento e a imanência.

2. O que é o pensamento

A primeira indagação que se suscita é elementar: o que é o pensamento?

Pensamento. De pensar, do latim *pensare* (pensar, meditar, considerar), designa o fenômeno que se produz na mente da pessoa, em virtude do que se *apercebe* ou *cuida de alguma coisa*. É, assim, *o que vem a mente*, o que se produz no cérebro, o que a inteligência percebe, o que se medita ou o que se imagina.

Nesse sentido, pois, o pensamento é o *entendimento*, a *imaginação*, uma *atividade mental*, que pode ser causa de uma deliberação ou determinação. O pensamento, pois, enquanto não *manifestado* ou *expresso*, é *impenetrável*, pois que se oculta na intimidade indevassável do cérebro ou da mente.

Na manifestação ou na expressão é que os pensamentos se *revelam*, mostrando-se expressos ou manifestados, deliberações, determinações, intuítos, planos, projetos, ideias, vontades, etc. E essa manifestação é feita pela palavra escrita ou oral, ou, mesmo, por imagens (desenhos, pintura)³.

De início já podemos extrair alguns trechos da definição acima: “o que se produz na mente da pessoa”, “o que vem a mente”, “o que a inteligência percebe”. Em todos esses casos o que nos parece é que o pensamento pode ser externo ao pensador, afinal, o pensamento pode estar ali apenas e tão somente não foi percebido pelo pensador, o cérebro não processou etc. Contudo, o pensamento pode estar em movimento e não foi percebido pelo pensador em decorrência deste não ter os mecanismos para reconhecê-lo? O pensador ainda não possui

² Ao longo de seu percurso filosófico, podemos observar a importância que o filósofo francês Gilles Deleuze conferiu a alguns domínios exteriores à filosofia, tais como a literatura, a pintura e o cinema. Ao contrário do que se poderia pensar, esses trabalhos não se caracterizam por serem justificativas ou explicações filosóficas para questões observadas no campo artístico. Trata-se antes de saber quais as possíveis intercessões existentes entre esses domínios e a filosofia ou, mais especificamente, quais conceitos filosóficos podem ser criados e/ou suscitados a partir dos mesmos.

Ao realizar tais intercessões, Deleuze nos apresenta sua concepção de pensamento e subjetividade, concepção que se encontra profundamente correlacionada ao tempo e a certo devir-artístico do pensador. Apesar de já encontrarmos, na década de 1960, trabalhos importantes de Deleuze relacionando pensamento e literatura – é o caso de Proust e os signos (1964/2006) e Sacher-Masoch (1967/2009) – a questão é retomada na década de 1980, desta vez no âmbito da pintura e do cinema, atualizada em *Lógica da sensação* (1981/2007), *Imagem-movimento* (1983/1985) e *Imagem-tempo* (1985/1990). MANGUEIRA, Mauricio e MAURICIO, Eduardo. *Arte, Tempo e Subjetividade em Gilles Deleuze*. Revista Artefilosofia, Ouro Preto, n. 13, p.154-166, dezembro 2012.

³ SILVA, De Plácido, 2012, p. 1025.

uma capacidade cognitiva que lhe permita reconhecer aquele pensamento? Essas foram apenas as primeiras provocações, voltemos ao tema mais adiante.

Agora, ainda sobre o conceito pensamento, contribui Marilena Chauí:

Certa vez um grego disse: “O pensamento é o passeio da alma”. Com isso quis dizer que o pensamento é a maneira como nosso espírito parece sair de dentro de si mesmo e percorrer o mundo para conhecê-lo. Assim como o passeio levamos nosso corpo a toda parte, no pensamento levamos nossa alma a toda parte e mais longe do que o corpo, pois a alma não encontra obstáculos físicos para seu caminhar.

O pensamento é essa curiosa atividade por meio da qual saímos de nós mesmos sem sairmos de nosso interior. Por isso, outro filósofo escreveu que pensar é maneira pela qual sair de si e entrar em si são uma só e mesma coisa. Como um voo sem sair do lugar⁴.

Assim podemos extrair o conceito de que o pensamento não é estanque e enseja e sugere um movimento. Gilles Deleuze, sobre o tema, defende a ideia de que o pensamento deve estar em movimento:

O pensamento reivindica “somente” o movimento que pode ser levado ao infinito. O que o pensamento reivindica de direito, o que ele seleciona, é o movimento infinito ou o movimento do infinito. É ele que constitui a imagem do pensamento⁵.

O pensador pode estar em constante movimento em elevada velocidade acerca do pensamento e do ato de pensar sem, contudo, sair do lugar. O movimento não é algo exatamente físico ou motor. E sobre o movimento uma nova indagação: quem está em movimento, o pensador ou o pensamento? Ou seria o pensamento em movimento e o pensador a lhe acompanhar?

Nesse diapasão, continuando com as provocações, quando se associa o pensamento ao pensador surge a dúvida sobre a autonomia de um e de outro, afinal é possível existir o pensamento independente do pensador?

De tal sorte não causa estranheza se relacionar o pensamento com um autor⁶. Nesse esteio continuamos a indagar: em geral, quando se relaciona o pensamento com o pensador é

⁴ CHAUI, Marilena, 2006, p. 157.

⁵ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix, 2013, p. 47 e 48.

⁶ Há ainda inofensivos observadores de si, que acreditam que há “certezas imediatas”, por exemplo, “eu penso”, ou, como era a superstição de Schopenhauer, “eu quero”, como “coisa em si” [...] O povo que acredite que conhecer é conhecer-final; o filósofo tem de dizer a si mesmo: se eu decompouso o processo que está expresso na proposição “eu penso”, obtenho uma série de afirmações temerárias, cuja fundamentação é difícil, talvez impossível -, por exemplo, que sou *eu* quem pensa, que em geral tem de haver algo que pensa, que pensar é uma atividade e efeito da parte de uma essência que é pensada como causa, que há um “eu”, e, enfim, que já está estabelecido firmemente o que se deve designar como pensar – que eu *sei* o que é pensar. Pois, se eu já não

imediatamente associável o pensamento com o ser pensante? É possível o ato de pensar fomentar a existência do pensamento? Como se o pensamento somente existe porque uma pessoa refletiu sobre algo, se assim o for, o pensamento aflorou do subconsciente? E insistimos: a figura da pessoa é indispensável para a existência do próprio pensamento?

Para tanto, ao analisar a questão podemos formular uma nova indagação a fim de buscar elementos para verificar se existe uma relação entre pensamento e pensador ou se estes podem existir autonomamente: O que é o pensar? Sobre o tema os ensinamentos de Gilles Deleuze:

Pensar é, primeiramente, ver e falar, mas com a condição de que o olho não permaneça nas coisas e se eleve até as “visibilidades”, e de que a linguagem não fique nas palavras ou frases e se eleve até os enunciados. É o pensamento como arquivo. Além disso, pensar é poder, isto é, estender relações de força, com a condição de compreender que as relações de força não se reduzem à violência, mas constituem ações sobre ações, ou seja atos, tais como “incitar, induzir, desviar, facilitar ou dificultar, ampliar ou limitar, tornar mais ou menos provável [...]”. É o pensamento como estratégia⁷.

Assim, o ato de pensar não pode ficar adstrito apenas ao que se vê e se conhece, pois, é necessário estar aberto ao novo, ao não conhecido, a algo maior, que o próprio ser pode não ter consciência da existência. Pensar pode ser um ato simples se não se observar as consequências à amplitude do pensamento e ao exponencial de possibilidades com o simples ato de pensar.

De tal sorte que cabe ao pensador estar preparado e querer ver as demais possibilidades intrínsecas a esse pensar ou apenas e tão somente ver e refletir pontualmente, seja por não ter mecanismo para reconhecer o além ou por não querer fazê-lo. Quando se tem consciência de algo maior e da amplitude de possibilidade, a crise é inevitável e ao pensador cabe o papel de administrar as crises advindas do ato de pensar, a busca do novo, do que não é conhecido.

tivesse decidido sobre isso comigo mesmo, em que me basearia para distinguir se o que acaba de acontecer não é, talvez, “querer” ou “sentir”? Basta dizer que aquele “eu penso” pressupõe que eu *compare* meu estado no instante com outros estados que conheço em mim, para assim estabelecer o que ele é: dada essa remetência a um “saber” de outra procedência, ele não tem para mim, em todo caso, nenhuma certeza imediata. – Em lugar daquela “certeza imediata”, em que, no caso dado, o povo pode acreditar, o filósofo recebe nas mãos em série de questões da metafísica, bem propriamente questões de consciência do intelecto, que são: “De onde tiro o conceito de pensar? Por que acredito em causa e efeito? O que me dá o direito de falar de um eu, e até mesmo de um eu como causa e, afinal, ainda de um eu como causa de pensamentos?” Quem, fazendo apelo a uma espécie de *intuição* do conhecimento, se aventura a responder prontamente a essas perguntas metafísicas, como faz aquele que diz: “Eu penso e sei que pelo menos isso é verdadeiro, efetivo, certo” – esse encontrará hoje, em um filósofo, um sorriso e dois pontos de interrogação. “Prezado senhor”, dar-lhe-á talvez a entender o filósofo, “é inverossímil que o senhor não esteja em erro: mas também, por que sempre verdade? NIETZSCHE, Friedrich. Para Além de Bem e Mal. IN: Obras Incompletas. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho. Coleção Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 305 e 306.

⁷ DELEUZE, 2013, p. 123 e 124.

Em toda a sua obra, Deleuze faz fulgurar o tema da imagem do pensamento⁸ e as possibilidades para o exercício do pensar. A tarefa da filosofia, de toda a filosofia do porvir, deve ser aquela de colocar movimento no pensamento, retirá-lo de sua imobilidade, que nada mais é que romper os pressupostos da representação e diluir seus principais elementos. Pensar é garantir ao pensamento⁹ sua possibilidade mais radical: criar conceitos¹⁰. Conceitos que possam, ancorados em um plano de imanência¹¹, fazer alianças com o extrafilosófico e produzir uma violenta onda de forças que nos faça pensar¹². Nos próximos tópicos iremos aprofundar melhor essas ideias, na qual trataremos com mais profundidade a questão do plano de imanência e da relação deste com o movimento do pensamento e com a imagem do pensamento.

3. O pensamento e o ato de pensar

Até o presente momento apresentamos o conceito de pensamento, a sua relação com uma ideia de movimento e lançamos várias indagações acerca do pensador com o pensamento. As indagações irão continuar e iremos desenvolver um pouco mais a questão: pensador, o ato de pensar e o pensamento.

Começemos com uma reflexão sintática gramatical: É possível se conjugar o verbo pensar sem que exista um sujeito?

Não é comum em uma frase se considerar um pensamento dissociado de seu sujeito, como em uma relação intrínseca, não há uma frase *pensou*, pois, logo se segue a questão: mas quem pensou? Não é um fato autônomo e independente como, por exemplo, o ato de chover que independe de um sujeito.

⁸ A imagem do pensamento é como que o pressuposto da filosofia, precede esta; desta vez não se trata de uma compreensão não filosófica, mas sim de uma compreensão pré-filosófica. DELEUZE, 2013, p. 17.

⁹ Será que nós temos do pensamento a mesma imagem que teve Platão ou mesmo Descartes ou Kant? Será que a imagem não se transformou segundo coerções imperiosas, que sem dúvida exprimem determinismos externos, porém mais ainda um dever do pensamento? Será que ainda podemos pretender que buscamos o verdadeiro, nós que nos debatemos do não-sentido? É a imagem do pensamento que guia a criação dos conceitos. DELEUZE, 2013, p. 190.

¹⁰ Criar conceitos é construir uma região do plano, juntar uma região às precedentes, explorar uma nova região, preencher a falta. O conceito é um composto, um consolidado de linhas, de curvas. Se os conceitos devem renovar-se constantemente, é justamente porque o plano de imanência se constrói por região, havendo uma construção local, de próximo em próximo. DELEUZE, 2013, p. 188.

¹¹ É o que se passa num plano de imanência: multiplicidades o povoam, singularidades se conectam, processos ou devires se desenvolvem, intensidades sobem ou descem. DELEUZE, 2013, p. 188.

¹² VASCONCELLOS, 2005.

O pensamento enseja uma pessoalidade, uma personificação que reivindica a sua autoria¹³. No entanto, nova reflexão exsurge: e se o sujeito não for o ser pensante, mas sim, um mero instrumento do próprio pensamento?

De acordo e em consonância com o raciocínio gramatical é comum e compreensível se relacionar o pensamento e o ato de pensar com um sujeito, mas podemos considerar a hipótese de que o sujeito seja um mero intérprete do pensamento? E que, por conseguinte, o pensamento utilizou o corpo e o cérebro do sujeito como invólucro para estabelecer a sua concretude? O pensamento pode excluir o próprio ser pensante da equação¹⁴? Como afirma Nietzsche: Uma coisa sou eu, outra são meus escritos¹⁵.

Ainda nessa esteira, duas hipóteses: ou o pensamento não é dissociado do pensador ou existe uma ausência de capacidade, isto é de mecanismos, por parte dos demais indivíduos em reconhecer a existência do pensamento fora do pensador? E prosseguindo ainda mais na indagação da segunda possibilidade negando, portanto a primeira: há a possibilidade, portanto, se o pensamento existir independentemente do pensador, que este último figure como instrumento de reconhecimento do próprio pensamento, como um intérprete? E, com isso, possibilite que outros pensadores, que não possuem mecanismos para reconhecer a independência do pensamento possam, ao menos, reconhecer o pensamento através daquele pensador?

Vamos separar as coisas: primeira pergunta duas possibilidades: o pensamento é dissociado ou não do pensador. Assumindo que o pensamento é dissociado, então o pensador pode servir de intérprete para os demais indivíduos reconhecerem esse pensamento?

¹³ A imagem dogmática do pensamento está completamente vinculada à idéia de vontade de verdade de Nietzsche. Já a nova imagem do pensamento tem como premissa o fato de que o verdadeiro não é mais elemento do pensamento, mas o sentido e o valor. Toda a crítica pós- estruturalista concentra-se em um conjunto de conceitos que tem origem em Nietzsche; um anti-essencialismo; um anti-realismo em termos de significado e de referência; um anti-fundacionalismo; a negação à idéia de transcendência; a sujeição a uma idéia de conhecimento como a representação exata da realidade e a rejeição de uma concepção de verdade que tem total correspondência com a realidade (PETERS, 2000, p. 51). Para Deleuze, os elementos da representação têm, como princípio geral o "Eu penso", garantindo a unidade de todas as faculdades. É uma sujeição ao idêntico, ao semelhante, ao análogo. CAMPOS, Luana Brant. *O cinema nas potências do falso – devir e hibridizações*. Revista Travessias. Disponível em: file:///C:/Explorer%20-%20Fotos/Zfotos/2861-10821-1-PB.pdf. Acesso em 28 de maio de 2014.

¹⁴ "Isto quer dizer que o sujeito pensante perderia sua identidade através de um pensamento coerente que o excluiria a partir de si mesmo?... Qual é minha parte neste movimento circular em relação ao qual eu sou incoerente? Qual é minha parte em relação a este pensamento tão perfeitamente coerente que ele me exclui no próprio instante em que eu o penso?... Como ameaçaria ele a atualidade do eu, deste eu que, todavia, ele exalta? Liberando as flutuações que o significavam como eu, de tal modo que só o revolvido retine em seu presente... O *Circulus vitiosus* deus é apenas uma denominação deste signo que adquire aqui uma fisionomia divina a exemplo de Dioniso." (Esquecimento e anamnese na experiência vivida do eterno retorno do Mesmo, em NIETZSCHE, 1966, p. 233-235.).

¹⁵ NIETZSCHE, 1999, p. 423.

De início tal visão pode causar estranheza, contudo, essa possibilidade é possível através do escritor. Este ao escrever reconhece um pensamento e o trabalha a fim de que os demais indivíduos possam reconhecê-lo. Da mesma forma o professor em relação aos alunos.

E nesse processo, nessa relação pensamento-pensador, o primeiro pode atravessar o segundo ou ocupar sua mente e cérebro e, com isso, comprometer até a sua saúde?

Um escritor ao longo de seu processo de escrita pode deixar o pensamento fluir e tomar forma e contornos próprios o que ocasionar ao escritor se tornar mero portador de algo maior, como que um intérprete um tradutor.

Sobre esse tema traremos nossa própria experiência: Em nosso processo de escrita, em muitas vezes, somos tomados pelo próprio pensamento. Com isso, o dormir, o trabalhar e o entretenimento se tornam secundário, uma vez que o pensamento invade todo o corpo e a mente tornando desagradável a vida enquanto o processo de escrita não se conclui, isto é, resulta em dores no corpo, mal estares, indisposições e dores de cabeça que se perpetuam até a conclusão da ideia proposta, com a conversão desta em texto.

Como se fossemos apenas e tão somente o portador do pensamento. É possível a guisa de ilustração se comparar esse processo de tradução do pensamento em palavras, em texto para os demais, com uma gravidez, pois, enquanto o livro, artigo, ensaio ou demais escritos não se concluem as dores vem e se apossam do corpo. Com o transcorrer dos dias e à medida em que a escrita evolui, o pensamento se desenvolve e o caminho aos poucos se sedimenta, toma forma, com momentos em que mais parece se desenvolver por conta própria¹⁶. Em algum, ou em vários momentos, se torna incomodo e, enquanto não é colocado para fora, com o texto concluso e o pensamento desenvolvido, ainda que não por completo, os desgastes ao corpo existem e se repetem.

Quando o processo se conclui e o texto está pronto o que se sente é um profundo alívio somado a um cansaço por toda a energia despendida ao longo do processo. Não queremos comparar o processo de escrever com uma gestação, mas a imagem pode ser bem ilustrativa para exemplificar o processo vivenciado pelo escritor.

Com isso, avancemos um pouco mais nas indagações sobre o pensamento: O pensador tem algum controle sobre o surgimento de um pensamento em sua mente? E sobre o seu desenvolvimento?

Um pensamento pode surgir pelos mais variados motivos, seja por uma conversa, uma leitura, ou até um simples momento de ócio em que se observa uma cena através dos meios

¹⁶ Um livro é uma pequena engrenagem numa maquinaria exterior muito mais complexa. Escrever é um fluxo entre outros, sem nenhum privilégio em relação aos demais, e que entra em relações de corrente, contracorrente, de redemoinho com outros fluxos. DELEUZE, 2013, p. 17.

de comunicação que ensejam um pensamento derivado do que se viu, apenas para exemplificar algumas das possibilidades.

Então, do momento em que o pensador tem contato com o pensamento, este pode se desenvolver autonomamente ou depende do pensador para tanto? O pensador pode efetivamente pensar e refletir sobre o assunto ou o sujeito pode inconscientemente seguir pensando sobre algo sem necessariamente ter dedicado seu tempo àquilo. Neste caso, não se dissocia, o sujeito do pensamento. Assim, não é aparente a dissociação do pensamento como algo autônomo, pois, para aqueles que não reconhecem a existência do pensamento de forma autônoma do pensador, se coloca o pensamento como algo conhecido do próprio cotidiano das pessoas.

No entanto, o pensamento pode ter a existência em si mesmo, todavia, necessária será a presença de seu interprete, isto é, o pensador, para que o pensamento se exteriorize e seja conhecido pelos demais? Sobre o tema Nietzsche:

Ninguém pode ouvir nas coisas, inclusive nos livros, mais do que já sabe. Para aquilo a que não se tem acesso por vivência, não se tem ouvido. Pensemos então em um caso extremo: que um livro fale de puras vivências que estão inteiramente fora da possibilidade de uma experiência frequente, ou mesmo apenas rara – que seja a *primeira* linguagem para uma nova série de experiências. Nesse caso simplesmente nada é ouvido, com a ilusão acústica de que, onde nada é ouvido, *também nada há* [...] Esta é, por último, minha experiência média, e, se se quiser, a *originalidade* de minha experiência¹⁷.

De tal sorte que o pensamento pode se apossar do indivíduo, pode acometer e comprometer a existência física do receptáculo, mas, não poderá existir por si só e ser identificado como tal pelos demais? Por conseguinte, dependerá do pensador para ser conhecido ou reconhecido?

4. O pensamento e o pensador na visão de Gilles Deleuze

Até o presente momento nos ativemos ao conceito de pensamento e desdobramos a questão ao analisar o pensamento e o pensador, agora, iremos tratar da relação do pensamento com o pensador de acordo e em consonância com Gilles Deleuze¹⁸.

¹⁷ NIETZSCHE, 1999, p. 424.

¹⁸ Não será escopo desse trabalho apresentar toda a conceituação de Deleuze acerca do pensamento, sua relação com o conceito e a filosofia, pois, somente este trabalho já ensinaria um espaço próprio. Aqui traremos fragmentos de seu pensamento a fim de corroborar com o que desenvolvemos até o presente momento sobre o

O pensamento é um dos grandes temas de filosofia analisados por Gilles Deleuze, sobre o tema Jorge Vasconcellos:

O grande tema da filosofia de Gilles Deleuze é o pensamento. O exercício do pensamento e a possibilidade de novas formas de expressão do pensar percorrem toda a obra. Desde seus textos monográficos até as obras derradeiras, Deleuze parece propor-nos duas questões: O que é o pensamento? Em que medida é possível dar ao pensamento novos meios de expressão?¹⁹.

Enrique Álvarez Asiáin defende a ideia que na obra de Gilles Deleuze o pensamento não pensa por si mesmo e faz uma relação deste com o que ele denomina de imagem do pensamento:

Deleuze escribe en varias ocasiones a lo largo de su obra que el pensamiento nunca piensa por sí mismo²⁰, sino que sólo produce a partir de un campo de posibilidades, campo al cual podemos referirnos para aproximarnos a eso que el propio Deleuze llama “imagen del pensamiento”. La imagen del pensamiento no es algo que se ofrezca explícitamente, ni puede deducirse de los conceptos de una filosofía. De supuesto tácito, responde más bien a un tipo de orientación del pensamiento que, difícilmente visible y enunciable, es sin embargo lo que hace visible y enunciable aquello por lo cual el pensamiento va a ser afectado en un momento determinado. A cada época, incluso a cada filosofía, correspondería una imagen propia del pensamiento, o así parecería, al menos, en principio, porque Deleuze también observa que, en el transcurso de la filosofía de occidente, una misma imagen viene dominando el discurso y el pensamiento: la imagen dogmática del pensamiento²¹.

Note que, de início, se pode extrair que o pensamento não pensa por si só. Contudo, será que ao invés disso não é o intérprete, diga-se o pensador, que não está pronto para compreender o pensamento e, por isso não o reconhece? A imagem do pensamento depende dos elementos cognoscíveis desenvolvidos em um dado espaço-tempo para ser reconhecida e, até mesmo conhecida?

Apresentemos mais elementos a fim de aprofundarmos um pouco mais a análise. Para tanto, Peter Pál Pelbart acerca da imagem do pensamento:

pensamento, o movimento e a imagem do pensamento. Para tanto introduziremos a questão do plano de imanência, porém, sem tratar da questão dos conceitos e da relação com a filosofia.

¹⁹ VASCONCELLOS, 2005.

²⁰ “Para un nietzscheano como Deleuze –advierte Mengue–, el pensamiento es inseparable del ser, y este ser es él mismo inseparable de la vida”. Siguiendo a Nietzsche, Deleuze sostiene que la vida es voluntad de poder, es decir, creación. Repite que la fuerza de la vida consiste en su poder para plantear, desarrollar, enfrentar y responder a los problemas. Disponível em:

<http://problematicadelacomunicacion.files.wordpress.com/2012/08/el-pensamiento-de-deleuze-1.pdf>. Acesso em 28 de maio de 2014.

²¹ ASIÁIN, 2014.

É em Nietzsche e a Filosofia que a expressão aparece pela primeira vez, para mostrar em que medida Nietzsche teria subvertido a imagem de pensamento dogmática. *Diferença e Repetição* dedica ao assunto o extenso capítulo II, intitulado “Imagem do Pensamento”, retomando e esmiuçando sua aplicação. A imagem do pensamento aparece aí como o pressuposto implícito do pensamento conceitual filosófico, como o conjunto dos postulados pré-filosóficos aos quais a filosofia obedece [...] Com isso, teria compreendido, segundo Deleuze, uma luta contra a Imagem e seus postulados. Ou seja, um combate contra um modelo de pensamento, contra o modelo do que seja pensar, do que seja o pensador, do que deva ser o filósofo²².

O que se extrai é que o pensamento e sua compreensão não podem ser feitos através de modelos estanques de interpretação, pois, não há um modelo do que seja pensar, do que seja pensamento, não há como categorizar ou possibilitar uma interpretação estanque do pensamento. Gilles Deleuze explica aprofundada o tema imagem do pensamento:

Suponho que existe uma imagem do pensamento que varia muito, que tem variado muito ao longo da história. Por imagem do pensamento não entendo o método, mas algo mais profundo, sempre pressuposto, um sistema de coordenadas, dinamismos, orientações: o que significa pensar, e “orientar-se no pensamento”²³.

Assim, é possível um indivíduo conceber o pensamento de forma equânime a outro? Duas pessoas não podem ter conclusões distintas sobre o mesmo pensamento? De tal sorte que ao se seguir um modelo estanque o resultado pode estar muito aquém do pretendido. Para que o pensador possa entender o pensamento, ou melhor, tenha elementos e mecanismos para traduzir esse pensamento necessário será que tenha consciência acerca da profundidade do próprio pensamento e que este não vem de dentro, mas sim de fora²⁴. Gilles Deleuze em a lógica do sentido defende que as coordenadas do pensamento perpassam pela altura, a profundidade e a superfície, com isso uma nova indagação: o pensamento pode estar em tudo?

Se o pensador deseja compreender o pensamento ele deve estar consciente de sua amplitude, de sua grandeza, o que pode lhe causar crises ante a pequenez do ser humano e suas limitações. O ato de pensar do pensador pode, portanto, lhe fazer conviver com crises, doenças, inquietudes acerca do próprio ato de pensar?

²² PELBART, 2010, p. 30.

²³ DELEUZE, 2013, p. 189.

²⁴ O pensamento não vem de dentro, mas tampouco espera do mundo exterior a ocasião para acontecer. Ele vem desse Fora, e a ele retorna; o pensamento consiste em enfrentá-lo. DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução Peter Pál Pelbart, 2013, p. 141.

Gilles Deleuze acerca da lógica do pensamento afirma que este é o resultado de um conjunto de crises que o próprio pensamento atravessa no qual o equilíbrio e um sistema harmonioso não se coaduna com a realidade, visto que essas crises mais se assemelham a uma cadeia vulcânica e toda a instabilidade que a cerca²⁵, afinal a lógica de um pensamento não é um sistema em equilíbrio²⁶.

E ainda sobre a questão do método: por que existem indivíduos que em estado normal não conseguem raciocinar sobre algo, porém, em seu sono, ao beber bebidas alcoólicas, parece que uma visão se abre e a resposta surge? Será que não foi o próprio indivíduo que se libertou de suas amarras, de um método pré-estabelecido, e se abriu ao novo e alcançou a resposta que tanto almejava? Gilles Deleuze relaciona esse tema ao plano de imanência que trataremos a seguir:

Precisamente porque o plano de imanência é pré-filosófico, e já não opera com conceitos, ele implica uma espécie de experimentação tateante, e seu traçado recorre a meios pouco confessáveis, pouco racionais e razoáveis. São meios da ordem do sonho, dos processos patológicos, das experiências esotéricas, da embriaguez ou do excesso²⁷.

É possível que o pensador ao seguir um modelo se limita e não consegue ver a amplitude do pensamento? É possível que o pensamento exista em diferentes níveis, como se tivesse camadas?

A visão que podemos ter do pensamento é uma visão em camadas, com diferentes níveis²⁸, um crescente de dimensões que podem ou não se sobrepor, contudo, nenhuma está contida na outra. E a relação do pensador com o pensamento não é tranquila, mas sim tempestuosa²⁹, segundo a qual o ato de pensar fornece ao pensador uma gama de experimentações:

Pensar é sempre experimentar, não interpretar, mas experimentar, e a experimentação é sempre o atual, o nascente, o novo, o que está em vias de se fazer. A história não é experimentação; é apenas o conjunto das condições quase negativas que possibilitam a experimentação de algo que escapa à história. Sem a história, a experimentação permaneceria

²⁵ DELEUZE, 2013, p. 110.

²⁶ DELEUZE, 2013, p. 122.

²⁷ DELEUZE, 2013, p. 52.

²⁸ DELEUZE, 2013, p. 123.

²⁹ Há em Leibniz uma declaração esplêndida: “Depois de ter estabelecido estas coisas, eu pensava entrar no porto, mas quando me pus a meditar sobre a união da alma e do corpo, fui como que lançado de volta ao alto mar”. É justamente o que dá aos pensadores uma coerência superior, essa faculdade de partir a linha, de mudar a orientação, de se reencontrar em alto mar, portanto, de descobrir, de inventar. DELEUZE, 2013, p. 134.

indeterminada, incondicionada, mas a experimentação não é histórica, é filosófica³⁰.

No entanto, para se liberar de métodos convencionais, se questiona: é possível se compreender o pensamento de forma livre? Ou sem um método ou um conjunto de conceitos o que se verá será apenas parte do pensamento? Para se ter o pensamento em toda a sua amplitude os métodos convencionais de interpretação são suficientes?

Ao longo de suas obras, Gilles Deleuze relaciona a imagem do pensamento com o que ele denomina de plano de imanência:

O plano de imanência não é um conceito pensado nem pensável, mas a imagem que ele se dá do que significa pensar, fazer uso do pensamento, se orientar no pensamento... Não é um método, pois todo método concerne eventualmente aos conceitos e supõe uma tal imagem. Não é nem mesmo um estado de conhecimento sobre o cérebro e seu funcionamento, já que o pensamento não é aqui remetido ao lento cérebro como ao estado de coisas cientificamente determinável em que ele se limita a efetuar-se, quaisquer que sejam seu uso e sua orientação³¹.

O plano de imanência não é um método pré-estabelecido acerca do pensamento ou do ato de pensar, mas sim, sim uma imagem do que significar pensar e do ato de pensar, mas isso implica em um método? Ademais, é possível não ter um método? A criação de conceito não passa pelo método? E assim, é possível esse a existência desse próprio método no plano de imanência a fim de compreender o pensamento?

Aprofundando um pouco mais o tema, Gilles Deleuze relaciona o plano de imanência, o pensamento e a questão do movimento:

O plano de imanência envolve movimentos infinitos que o percorrem e retornam³², mas os conceitos são velocidades infinitas de movimentos finitos, que percorrem cada vez somente seus próprios componentes. O problema do pensamento é a velocidade infinita, mas esta precisa de um meio que se mova em si mesmo infinitamente, o plano, o vazio, o horizonte. É necessário a elasticidade do conceito, mas também a fluidez do meio. É necessário os dois para compor “os seres lentos” que nós somos³³.

³⁰ DELEUZE, 2013, p. 136.

³¹ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix, 2013, p. 47.

³² O movimento do infinito não remete a coordenadas espaçotemporais, que definiriam as posições sucessivas de um móvel e os pontos fixos de referência, com relação aos quais estas variam. “Orientar-se no pensamento” não implica nem num ponto de referência objetivo, nem num móvel que se experimentasse como sujeito e que, por isso, desejaria o infinito ou teria necessidade dele. O movimento tomou tudo, e não há lugar nenhum para um sujeito e um objeto que não podem ser senão conceitos. O que está em movimento é o próprio horizonte: o horizonte relativo se distancia quando o sujeito avança, mas o horizonte absoluto, nós estamos nele sempre e já, no plano de imanência. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix, 2013, p. 48.

³³ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix, 2013, p. 45 e 46.

Temos aqui a relação de conceito com velocidade, movimento e o pensamento, o que podemos concluir com a demonstração de um método para que se possa analisar o pensamento, sobre o tema Regina Schopke: “Eles [...] não deixam margem para dúvida: a filosofia não é uma simples arte de inventar, de produzir os conceitos, ela é uma disciplina rigorosa, que tem como função primordial a criação de novos conceitos”³⁴.

E a autora faz a relação com o plano de imanência:

Com relação ao plano de imanência, pode-se dizer que este é o lugar em que os conceitos se distribuem sem romper-lhe a integridade, a sua continuidade. Como se fosse um deserto em que os conceitos povoam e é ele que dá o suporte para os conceitos. Cabe agora se perguntar o que exatamente é um conceito?³⁵ O que significa criar conceitos?³⁶ Qual a função do conceito?³⁷ Qual o lugar do conceito no plano de imanência?³⁸ Qual a relação entre conceito e plano de imanência?^{39,40}

Bento Prado Jr. explica a questão da imanência segundo Gilles Deleuze:

Ainda que chegue a definir o plano como diagrama, Deleuze o definira, previamente, ao mesmo tempo como *horizonte* e como *solo*⁴¹. Isto é, o plano de imanência é essencialmente um *campo* onde se produzem, circulam e se entrecrocavam os conceitos⁴². Ele é sucessivamente definido como uma

³⁴ SCHOPKE, 2004, p. 131.

³⁵ Todo conceito tem componentes, e se define por eles. É uma multiplicidade, embora nem toda multiplicidade seja conceitual. Não há conceito de um componente só: mesmo o primeiro conceito, aquele pelo qual uma filosofia “começa”, possui vários componentes. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix, 2013, p. 23.

³⁶ Com efeito, todo conceito, tendo um número finito de componentes, bifurcará sobre outros conceitos, compostos de outra maneira, mas que constituem outras regiões de outro plano, que respondem a problemas conectáveis, participam de uma co-criação. Um conceito não exige somente um problema sob o qual remaneja ou substitui conceitos precedentes, mas uma encruzilhada de problemas em que se alia a outros conceitos coexistentes. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix, 2013, p. 26.

³⁷ Todo conceito remete a um problema, a problemas sem os quais não teria sentido, e que só podem ser isolados ou compreendidos na medida de sua solução: estamos aqui diante de um problema concernente à pluralidade dos sujeitos, sua relação, sua apresentação recíproca. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix, 2013, p. 24.

³⁸ Um conceito possui um *devoir* que concerne, desta vez, a sua relação com conceitos situados no mesmo plano. Aqui, os conceitos se acomodam uns aos outros, superpõem-se uns aos outros, coordenam seus contornos, compõem seus respectivos problemas, pertencem à mesma filosofia, mesmo se têm histórias diferentes. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix, 2013, p. 26.

³⁹ Os conceitos e o plano são estritamente correlativos, mas nem por isso devem ser confundidos. O plano de imanência não é um conceito, nem o conceito de todos os conceitos. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix, 2013, p. 45.

⁴⁰ SCHOPKE, Regina, 2004, p. 131.

⁴¹ Os conceitos são acontecimentos, mas o plano é o horizonte dos acontecimentos, o reservatório ou a reserva de acontecimentos puramente conceituais: não o horizonte relativo que funciona como um limite. Muda com um observador e engloba estados de coisas observáveis, mas o horizonte absoluto, independente de todo o observador, e que torna o acontecimento como conceito independente de um estado de coisas visível em que ele se efetua. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix, 2013, p. 46.

⁴² Criar conceitos é construir uma região do plano, juntar uma região às precedentes, explorar uma nova região, preencher a falta. DELEUZE, Gilles, 2013, p. 188.

atmosfera (quase como o *englobante* de Jaspers, que mais tarde Deleuze vai recusar), como informe e fractal, como horizonte e reservatório, como um meio indivisível ou impartilhável. Todos esse traços do plano de imanência, somados, parecem fazer da filosofia de Deleuze uma “filosofia de campo”⁴³.

E prossegue:

O plano de imanência é, entre outras coisas, uma espécie de solo intuitivo, cujos “movimentos infinitos” são fixados pelas “coordenadas” construídas pelo movimento finito do conceito. O plano de imanência, despovoado de conceito, é cego (no limite é o caos); o conceito, extraído de seu “elemento” intuitivo (no sentido da atmosfera), é vazio⁴⁴.

Por fim, novamente Gilles Deleuze acerca do plano de imanência⁴⁵:

O plano de imanência é ao mesmo tempo o que deve ser pensado e o que não pode ser pensado. Ele seria o não-pensado e o que não poder ser pensado. Ele seria o não-pensado no pensamento. É a base de todos os planos, imanente a cada plano pensável que não chega a pensá-lo. É o mais íntimo no pensamento, e todavia o fora absoluto. Um fora mais longínquo que todo mundo exterior, porque ele é um dentro mais profundo que todo mundo interior: é a imanência, “a intimidade como Fora, o exterior tornado intrusão que sufoca e a inversão de um e de outro”⁴⁶.

A exposição de Gilles Deleuze acerca do plano de imanência, dos conceitos e do pensamento é muito maior e mais ampla do que trouxemos, todavia, o nosso objetivo foi apresentar como que os desdobramentos acerca do pensamento se multiplicam. Não é nosso escopo ter uma resposta definitiva ao tema proposto, ao contrário, oferecemos um caminho a partir dos ensinamentos de Gilles Deleuze.

No entanto, ainda a título de provocação voltamos ao que propomos no começo desse artigo: o que é o pensamento? O pensamento existe sem o pensador? O pensador pode ser considerado como o intérprete do ato de pensar e do próprio pensamento?

Conclusão

⁴³ PRADO JR., 2000, p. 308.

⁴⁴ PRADO JR., 2000, p. 309.

⁴⁵ A ida-e-volta incessante do plano, o movimento infinito. Talvez seja o gesto supremo da filosofia: não tanto pensar O plano de imanência, mas mostrar que ele está lá, não pensado em cada plano. O pensar desta maneira, como o fora e o dentro do pensamento, o fora não exterior ou o dentro não interior. O que não pode ser pensado uma vez, como o Cristo encarnou-se uma vez, para mostrar desta vez a possibilidade do impossível. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix, 2013, p. 73.

⁴⁶ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix, 2013, p. 73.

O objetivo deste artigo não é concluir se o pensamento e o pensador são autônomos entre si, mas sim, levantar indagações sucessivas sobre a relação entre o pensamento e o pensador. Para tanto apresentamos ensinamentos de alguns filósofos e nos ativemos especialmente a Gilles Deleuze.

O filósofo nos trouxe um novo caminho com a inserção do plano de imanência e da imagem do pensamento. E, assim, com base em tudo que foi demonstrado podemos concluir que o pensamento é uma distribuição organizada que extrapola o sujeito.

Não somos donos do pensamento, este é uma força que nos atravessa e nos arrasta para outro lugar quer estejamos prontos, quer não. É o arrastar para fora de si, o que não se confunde com a expressão do próprio sujeito, portanto, podemos concluir que o pensamento é anterior ao próprio sujeito.

E vamos terminar da forma que começamos, indagando: temos ferramentas suficientes para compreender, de fato, o que vem a ser pensamento, como que este se origina e qual a relação do pensador com o ato de pensar e com o pensamento?

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASIÁIN, Enrique Álvarez. La imagen del pensamiento en Gilles Deleuze; Tensiones entre cine y filosofía. IN: Revista Observaciones Filosóficas. Disponível em: <http://www.observacionesfilosoficas.net/laimagendelpensamiento.html>. Acesso em 27 de maio de 2014.

CAMPOS, Luana Brant. *O cinema nas potências do falso – devir e hibridizações*. IN: Revista Travessias. Disponível em: <file:///C:/Explorador/20-%20Fotos/Zfotos/2861-10821-1-PB.pdf>. Acesso em 28 de maio de 2014.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. 13 ed. São Paulo: Ática, 2006.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2013.

MANGUEIRA, Mauricio e MAURICIO, Eduardo. *Arte, Tempo e Subjetividade em Gilles Deleuze*. Revista Artefilosofia, Ouro Preto, n. 13, p.154-166, dezembro 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. *Cahiers de Royaumont*, Éditions de Minuit, 1966.

_____. *Ecce Homo*. IN: Obras Incompletas. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho. Coleção Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

_____. *Para Além de Bem e Mal*. IN: Obras Incompletas. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho. Coleção Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

PELBART, Peter Pál. *O tempo não-reconciliado imagens de tempo em Deleuze*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

PRADO JR., Bento. A idéia do plano de imanência. IN ALLIEZ, Éric (org.). *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. São Paulo: Editora 34, 2000.

SCHOPKE, Regina. *Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, o pensamento nômade*. São Paulo: Edusp, 2004.

SILVA, De Plácido e. *Vocabulário Jurídico*. Atualizadores Nagib Slaibi Filho e Priscila Pereira Vasques Gomes. 29 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2012.

VASCONCELLOS, Jorge. A filosofia e seus intercessores: Deleuze e a não-filosofia. IN: Revista Educação Sociedade. Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1217-1227, Set./Dez. 2005.